



Correspondência dos autores

1  Universidade de Ferrara
Ferrara – Itália
rdbci@unicamp.br.br

2  Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, CE – Brasil
rdbci@unicamp.br.br

Dossiê: Comunicação pública de informações científicas e tecnológicas na era da IA

Andrea Rubin¹ 

Maria Giovanna Guedes Farias² 

Sinopse

O presente dossiê investiga a Inteligência Artificial (IA) como um híbrido sociotécnico, ao tentar refletir sobre a visão de exaltação ou demonização e reconhecendo-a como um componente estrutural onipresente na vida social que molda o cotidiano e reestrutura relações de poder, intensificando debates éticos, jurídicos e sociopolíticos, especialmente após a popularização da IA generativa. Adotando uma abordagem crítica e interdisciplinar, o dossiê considera a IA um fenômeno coproduzido por imaginários culturais, forças políticas e dinâmicas institucionais, e não uma evolução tecnológica inevitável. As contribuições analisam as implicações da IA em diversos âmbitos - como serviços públicos (chatbots), transparência empresarial, competências no ensino superior, automação na pesquisa e inclusão em bibliotecas, e construção da cidadania digital em plataformas - buscando compreender como os sistemas de IA refletem e remodelam as estruturas sociais existentes e promovem uma cultura crítica da IA orientada para a equidade, transparência e desenvolvimento humano sustentável.

CRedit

- **Reconhecimentos:** Não aplicável.
- **Financiamento:** Não aplicável.
- **Conflitos de interesse:** O editor certifica que não tem interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
- **Aprovação ética:** Não aplicável.
- **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
- **Contribuições dos autores:** Conceituação; Curadoria de dados; Análise forma; Escrita – rascunho; Escrita – original.
- **Imagem:** Academia.edu

Há décadas, a Inteligência Artificial (IA) tornou-se um componente estável e difundido em inúmeras tecnologias utilizadas diariamente. Das plataformas de redes sociais aos sites de comércio eletrônico, até aos assistentes de voz e aos táxis autônomos, a IA está agora integrada em ferramentas que moldam a vida cotidiana de milhões de pessoas. Nos últimos anos, no entanto, a sua presença assumiu uma relevância inédita: a IA transformou-se progressivamente num elemento estrutural da vida social, contribuindo para redefinir as modalidades com que os cidadãos trabalham, desfrutam do tempo livre e acessam serviços fundamentais, que variam da logística e entregas aos serviços bancários, até à assistência médica.

Esta crescente onipresença alimentou um amplo debate público e científico, estimulando reflexões de natureza ética, jurídica, econômica e sociopolítica. A intensificação da discussão foi ainda mais acelerada a partir de novembro de 2022, quando a divulgação da versão gratuita do ChatGPT pela OpenAI tornou acessíveis, para um público muito vasto, sistemas de IA generativa.

No entanto, enquanto as áreas de aplicação da IA se multiplicam, permanecem em grande parte inexploradas questões cruciais que dizem respeito às implicações sociopolíticas. Para enfrentar tal complexidade, é necessário interrogar a natureza sociotécnica da IA superando narrativas polarizadas que alternativamente a exaltam como solução para problemas sistêmicos ou a demonizam como ameaça iminente. Essas atitudes refletem uma abordagem tradicional na qual sociedade e tecnologia são separadas, enquanto os estudos sociais sobre a tecnologia nos mostraram como os “objetos”, como a Inteligência Artificial, não podem ser compreendidos sem analisar os processos sociais que contêm (Woolgar, 1987). As ideias tradicionais remetem ao fosso existente entre um conteúdo técnico e um contexto explicável pelas ciências sociais. Negar esta assimetria e assumir como unidade de análise um “híbrido sociotécnico” significa, por outro lado, encontrar instrumentos teóricos que possam explicar o contexto e o conteúdo como fenômenos de um mesmo processo (Law; Callon, 1992). Pinch e Bijker (1984) destacaram que os artefatos tecnológicos não possuem um uso, uma forma e uma função “corretos”, isto é, não são apenas a resposta mais ou menos eficaz a um problema objetivo. Não se pode compreender o significado de um artefato prescindindo dos interesses, da cultura, das ações de grupos sociais que o utilizam ou não. Os discursos públicos em torno da tecnologia frequentemente pressupõem a inevitabilidade do progresso, negligenciando as relações sociais, os contextos institucionais e os imaginários culturais que participam na afirmação do artefato tecnológico.

O presente dossiê da RDBCI, o qual foi divulgado por meio de um edital de chamada pública, insere-se neste debate convidando a considerar a IA não como uma evolução tecnológica inevitável, mas como um fenômeno coproduzido por imaginários culturais, dinâmicas institucionais, forças políticas e condições sociais. O rápido desenvolvimento das tecnologias ditas inteligentes, de fato, está mudando a relação homem-máquina, redefinindo as formas de colaboração, criatividade e tomada de decisão (*decision-making*), tanto nos contextos organizacionais quanto nos espaços de informação pública. Se, por um lado, a IA introduz novas possibilidades de análise, acessibilidade e automação, por outro, permanecem pouco exploradas as suas implicações mais amplas: a capacidade de reproduzir ou amplificar desigualdades, de reestruturar equilíbrios de poder e de influenciar a qualidade da cidadania digital. Neste sentido, a coletânea propõe uma abordagem crítica e interdisciplinar que valoriza as perspectivas oferecidas pelas ciências sociais para compreender como os sistemas de IA são projetados, implementados e utilizados em contextos reais, e como eles refletem e remodelam as estruturas sociais existentes (Bourdieu, 1979, 1994). Dentro deste quadro, as contribuições que encontram lugar neste dossiê abordam as interseções entre IA, inovação e gestão do conhecimento em âmbitos diferentes, mas interconectados.

O artigo *Verso un'amministrazione pubblica conversazionale? Rumo a uma administração pública conversacional?*, de Giulia Banfi e Marco Luca Pedroni, examina a introdução de chatbots nos serviços públicos, evidenciando tanto as potencialidades de

automação quanto às críticas organizacionais e as tensões socioinstitucionais que acompanham tal implementação.

A contribuição de María Jesús Guillén Palomino, Triana Arias Abelaira e Lázaro Rodríguez Ariza, *Difusión pública de información sobre inteligencia artificial en las empresas*, aborda o tema da responsabilidade e transparência da IA nas comunicações empresariais, propondo um articulado sistema de indicadores para avaliar a qualidade informativa e o grau de *accountability* das empresas.

No âmbito educativo, o estudo *Competências digitais discentes para o uso de inteligência artificial no ensino superior a distância*, de Andrio dos Santos Pinto, Magalí Teresinha Longhi e Patricia Alejandra Behar, oferece uma revisão sistemática da literatura internacional sobre as competências necessárias aos estudantes universitários para um uso crítico da IA, destacando a centralidade da alfabetização digital num contexto educativo cada vez mais dominado por uma abordagem orientada por dados (*data-driven*).

O dossiê abriga ainda três contribuições que refletem sobre a IA em relação às bibliotecas, à pesquisa científica e à cidadania digital. Rodrigo Fernandes dos Santos e Elisângela Cristina Aganette, no seu artigo *Inteligência artificial e automação na pesquisa científica*, propõem um agente computacional para apoiar a revisão da literatura, mostrando como a automação pode acelerar a análise científica, mas também introduzir novos riscos epistemológicos, enquanto Nuno Miguel Teixeira Sousa e Mariângela Spotti Lopes Fujita, em *Acessibilidade e inclusão digital em bibliotecas acadêmicas*, investigam o papel da IA na melhoria da acessibilidade nos sistemas bibliotecários, destacando a necessidade de conjugar inovação técnica, formação de pessoal e participação das pessoas com deficiência.

Por fim, Benedetto Bramante e Michele Bonazzi, em *Do acesso à ação*, analisam criticamente as plataformas digitais das bibliotecas públicas europeias como espaços de construção de modelos de cidadania. A sua investigação mostra como, mesmo na fase de expansão da IA generativa, as narrativas institucionais tendem a negligenciar desigualdades, agência (*agency*) e formas de participação ativa, convidando a repensar as bibliotecas digitais como infraestruturas cívicas orientadas para o empoderamento (*empowerment*).

As contribuições aqui reunidas oferecem exemplos analíticos válidos e úteis para compreender as múltiplas dimensões - técnicas, sociais, culturais e políticas - através das quais a IA vai se adaptando às diversas exigências dos mutáveis grupos sociais de referência. O objetivo deste dossiê era justamente o de promover um diálogo interdisciplinar capaz de superar visões simplistas ou binárias e de contribuir para o desenvolvimento de uma cultura crítica da IA, orientada para a equidade, a transparência e o desenvolvimento humano sustentável. Escolhemos apresentar algumas pesquisas exemplares para responder à necessidade de compreender a Inteligência Artificial na sua essência de fenômeno social. É claro que estas contribuições também resultam necessariamente redutoras diante da complexidade e da riqueza das temáticas tratadas. No entanto, a nossa esperança é a de contribuir para estimular a curiosidade e traduzi-la no desejo de aprofundamentos ulteriores.

Itália e Brasil, 23 de novembro de 2025

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Raisons pratiques**: sur la théorie de l'action. Paris: Le Seuil, 1994.

LAW, J.; CALLON, M. The Life and Death of an Aircraft: A Network Analysis of Technical Change. *In*: BIJKER, W. E.; LAW, J. (ed.). **Shaping technology / building society**: studies in sociotechnical change. Cambridge: MIT Press, 1992. p. 21-52.

PINCH, T. J., & Bijker, W. E. The social construction of facts and artefacts: or how the sociology of science and the sociology of technology might benefit each other. **Social Studies of Science**, London, v. 14, n. 3, p. 399-441, 1984.

WOOLGAR, S. Reconstructing the Cognitive: The Social Construction of Artificial Intelligence. *In*: BIJKER, W. E.; HUGHES, T. P.; PINCH, T. J. (ed.). **The social construction of technological systems**: new directions in the sociology and history of technology. Cambridge: MIT Press, 1987. p. 311-328.